

# QUANDO OS JOVENS SAÍRAM DO AGRO, A BOLA TAMBÉM FOI EMBORA

*O futebol de várzea, o futebol da agricultura e a saudade de uma alegria que não se compra*

**Por Aínor Francisco Lotério**



*Aínor Francisco Lotério e a bola, a alegria do futebol que vem do campo.*

## O CAMPO DE BARRO ERA TAMBÉM UM CAMPO DE VIDA

Quem cresceu no interior sabe o que era um domingo de futebol na comunidade. Não havia arquibancada, não havia gramado, não havia patrocinador. Havia o campo aberto no meio da pastagem, o chão de barro, a terra seca levantando poeira a cada disputa de bola. Subíamos na caçamba do trator ou na carroceria do caminhão e seguíamos, por estradas distantes, até a comunidade vizinha que naquele fim de semana sediava o campeonato. Ia o time, ia a família inteira, iam os avós, as mães, as crianças. O futebol não era só dos que jogavam. Era de todos os que assistiam.

Aquele futebol tinha uma função que ia muito além do placar. Ele reunia. Ele pertencia. Cada comunidade mais organizada tinha seu time, seu campo, seu orgulho. A disputa de fim de semana era o encontro que dava sentido à semana inteira de trabalho na roça. O apito final não encerrava um jogo, abria uma festa. O futebol de várzea era o coração pulsando dentro da vida rural.

## O ÊXODO RURAL LEVOU O JOVEM E, COM ELE, A BOLA

Então o êxodo rural foi acontecendo, aos poucos, quase em silêncio. As comunidades foram ficando sem gente, desabitadas. E quem partiu primeiro foram justamente os jovens, os que mais jogavam, os que davam vigor ao campo. Sem o jovem, faltou o goleiro, faltou o centroavante, faltou a linha de quatro. Os times foram minguando até não poderem mais se formar. O campo,

sem gente para pisá-lo, foi tomado pelo mato.

Quando os jovens saíram do campo, a bola também foi embora. E, com a bola, foi embora muito mais que um esporte. Foi embora o ponto de encontro, a razão de a comunidade se reunir, a alegria coletiva do domingo. O campo que fechou tem o mesmo silêncio da casa sem herdeiro, da capela sem missa, do salão comunitário sem festa. Agricultura, futebol e comunidade sempre foram três raízes de um mesmo tronco. Quando uma seca, as outras definham junto.

## **DAQUELE CHÃO DE BARRO SAÍRAM CRAQUES PARA O MUNDO**

Vale lembrar de onde veio boa parte da grandeza do futebol brasileiro. Ela não nasceu em centros de treinamento sofisticados. Nasceu no chão de barro, no campo de várzea, na pelada de comunidade. Quantos jogadores famosos começaram exatamente ali, descalços, driblando no terreno irregular, aprendendo a arte antes de conhecer o dinheiro. O interior e a várzea foram, por décadas, o grande celeiro de talento do país. Cada campo de comunidade que fechou foi um celeiro a menos, um talento que talvez nunca tenha sido descoberto.

## **A SAUDADE DE UM FUTEBOL QUE NÃO ERA MEDIDO EM DINHEIRO**

Hoje surge um futebol tão caro, tão pago, feito de estrelas que gastam e movimentam cifras que assustam. Pela arte do futebol continuamos tendo muito amor. O drible, a bola no ângulo, a jogada bonita ainda nos emocionam. Mas há uma tristeza no ar quando o esporte vira apenas produto, apenas negócio, apenas exaltação do dinheiro. O que sinto falta não é do espetáculo. É da alma.

O futebol de comunidade não vendia ingresso, ele criava vínculo. Não pagava salário, ele repartia alegria. O troféu valia menos que o abraço no fim da tarde e o churrasco depois do jogo. Essa é a saudade verdadeira. Não a saudade de um passado idealizado, mas a saudade de uma forma de viver o esporte em que o valor estava no encontro e não na conta bancária.

## **VOLTAR A VIVER O ESPORTE É VOLTAR A DAR VIDA AO CAMPO**

Por isso digo que precisamos voltar a viver esse esporte, essa alegria. E não se trata apenas de nostalgia. Trata-se de uma pauta de repovoamento humano do interior. Onde há jovem que fica, há campo que reabre. Onde há comunidade viva e organizada, há campeonato de fim de semana. O futebol de chão de barro pode voltar a ser sinal de vida quando a agricultura familiar voltar a ser digna, quando o campo oferecer razões para o jovem permanecer.

Falo disso com a autoridade de quem viveu. Criei-me no interior, filho de agricultor, jogando futebol naqueles campos de comunidade. Tornei-me Técnico

Agrícola, fui extensionista rural, e nunca deixei que se rompesse a ligação com o campo. A saudade daquele futebol é tão viva em mim que ainda hoje, quando me reúno com os amigos no Sítio Agrosafia, volto a jogar, volto a sentir aquela alegria simples de antigamente. É ali que compreendo, mais uma vez, que o futebol de verdade nunca precisou de muito para ser grande.

A bola que foi embora com o jovem pode voltar com ele. Reabrir um campo de comunidade é, no fundo, reabrir uma esperança. É lembrar que a maior riqueza do futebol nunca esteve no dinheiro, mas na gente reunida em torno da bola, sob o céu aberto, no chão simples do interior. Que essa alegria retorne. Que o campo de barro volte a levantar poeira de vida.

---

## **SOBRE O AUTOR**

Ainor Francisco Lotério é Palestrante Profissional, Agrônomo, Filósofo, Teólogo, Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Instituições, Psicopedagogo e Diácono Permanente desde 2003. Criador da Agrosafia, filosofia de vida que integra a prática agrícola, os valores humanistas e a vida sustentável, dedica sua trajetória aos temas da Motivação, do Cooperativismo, da Comunicação e da Longevidade. Nascido na comunidade de Campestre, em Vidal Ramos (SC), filho de agricultor, criou-se no interior jogando futebol no chão de barro das comunidades. Formou-se Técnico Agrícola e seguiu como extensionista rural, mantendo por toda a vida um vínculo profundo com o campo. Da saudade daquele futebol de várzea nasce o costume que cultiva até hoje, reunindo os amigos para jogar no Sítio Agrosafia. Portais: [www.ainor.com.br](http://www.ainor.com.br) e [www.loterio.com.br](http://www.loterio.com.br)